



## **OS IMPACTOS DA PANDEMIA DE COVID 19 NO ENSINO APRENDIZAGEM NA ESCOLA ESTADUAL HORTÊNCIO DINIZ: UMA ANÁLISE SOBRE O ENSINO REMOTO<sup>1</sup>**

Álvaro Almeida Rodrigues <sup>2</sup>  
Cezar Gabriel Falcon Alfonso <sup>3</sup>  
João Pedro Santos Silva <sup>4</sup>  
Marcos Silva de Rezende <sup>5</sup>

### **RESUMO**

O presente trabalho tem como objetivo discutir os impactos da pandemia de COVID-19 na realidade local da Escola Estadual Hortêncio Diniz, localizada em Uberlândia, Minas Gerais. Verificamos através de questionários quantitativos e de etnografia, a visão de estudantes que estão no ensino médio sobre os problemas causados pela pandemia em seu ensino e aprendizagem. Além disso, este relato de experiência procura estabelecer relações que possam ajudar a escola a se organizar no sentido de diminuir os possíveis danos da pandemia no ensino.

**Palavras-chave:** Pandemia, Educação, COVID, Escola

### **INTRODUÇÃO**

Este projeto teve como objetivo investigar os impactos da pandemia de COVID-19 no ensino aprendizagem na Escola Estadual Hortêncio Diniz em Uberlândia, Minas Gerais. O que pretendemos aqui é partir de uma realidade local que possa nos auxiliar a entender um contexto mais coletivo e até mesmo mais geral. Consideramos que a experiência da pandemia unificou a todos, naquilo que se referia tanto a proteção ao vírus (medidas sanitárias), quanto na manutenção de um ensino aprendizagem em um novo modelo.

Neste trabalho, então, contamos com poucas referências, pois é muito recente os estudos dos impactos da pandemia, inclusive a pandemia que ainda nos encontramos inseridos, mas com um pouco mais de segurança garantida pelas vacinas.

---

<sup>1</sup> Pesquisa realizada através do programa de Iniciação Científica de Educação Básica (ICEB) criado pelo Governo do Estado de Minas Gerais e conduzido pela Secretária Regional de Ensino em Uberlândia, Minas Gerais.

<sup>2</sup> Professor de Educação Básica de Sociologia e Preceptor da residência pedagógica pela Universidade Federal de Uberlândia Subárea Sociologia/Educação Física, Uberlândia, Minas Gerais, [alvaro.rodrigues@educacao.mg.gov.br](mailto:alvaro.rodrigues@educacao.mg.gov.br);

<sup>3</sup> Ex Discente na Escola Estadual Hortêncio Diniz, MG

<sup>4</sup> Ex Discente na Escola Estadual Hortêncio Diniz, MG

<sup>5</sup> Discente na Escola Estadual Hortêncio Diniz, atualmente cursando o segundo ano do ensino médio



Em nosso relato de experiência iremos descrever o processo analítico desenvolvido, e quais foram os dados que tivemos acesso de acordo com o nosso questionário aplicado.

## **METODOLOGIA**

O trabalho foi desenvolvido ao longo do ano de 2022, e contou com a participação e envolvimento de toda a comunidade regularmente matriculada na Escola Estadual Hortêncio Diniz que cursa o Ensino Médio Regular manhã e noite.

Durante desenvolvimento do trabalho, foram feitas reuniões no espaço do laboratório da escola entre os estudantes e o professor orientador, montamos questionários utilizando do recurso Google formulário, aplicamos um teste e posteriormente elaboramos o questionário final.

Nosso trabalho contou com pesquisa quantitativa e análise de dados estatísticos. Tínhamos como intuito cumprir com uma meta de pesquisa que ouvisse 60% dos estudantes do ensino médio, contudo, não foi possível vide a forma como conduzimos, onde os estudantes que foram convidados a participar não eram obrigados, e foi da escolha do professor nem mesmo fazer uma troca por pontuação dentro do bimestre para que tivéssemos mais participação, já que isso poderia caracterizar uma indução à participação.

A pesquisa realizada por nós contou com a participação de 209 estudantes dos turnos manhã e noite do ensino médio, que estão regularmente matriculados na Escola Estadual Hortêncio Diniz. O quantitativo total de alunos da escola são 495, sendo que, destes, 80 estão matriculados na Educação de Jovens e Adultos que não foi objeto da nossa pesquisa, mediante ao fato de que estes alunos tiveram acesso a um outro tipo de material não fornecido pelo governo do estado de Minas Gerais. Sendo assim, o quantitativo seria de 415 estudantes, logo, nossa pesquisa deu conta de 50,4%.

Aplicamos o formulário durante trinta dias, e todos os estudantes foram submetidos a um documento que deixava claro que seus dados não seriam divulgados. Depois, tabulamos os dados usando planilha Excel, e fizemos análise dos dados que serão apresentados a partir de agora.

## **REFERENCIAL TEÓRICO**

Por contarmos com poucas discussões teóricas no que tangem os impactos da pandemia na educação, utilizamos mais referências afim de fundamentar nossas metodologias de pesquisa, utilizamos de matérias teórico como o trabalho de Antônio C. Gil “Métodos e técnicas de pesquisa social” dentre outros.

Acreditamos que a nossa pesquisa possa abrir portas para criar novas discussões teóricas sobre a pandemia e os impactos na educação.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

A primeira pergunta foi com relação a idade. Registramos que o estudante mais novo possui 14 anos, cursando o primeiro ano do ensino médio, e o mais velho possui 20 anos e cursa o terceiro ano do ensino médio. A maioria dos entrevistados (89%) encontra-se com idade entre 15 e 17 anos, que vai de encontro à idade esperada para estudantes que estejam cursando o ensino médio.

Com relação a composição étnica, baseamos no modelo de auto declaração (conforme direcionado pelo IBGE). Sendo assim, nossa escola está representada por 46% brancos, 42% pardos, 11% negros e 1% indígenas. Isso demonstra que a escola apresenta uma composição étnica bastante concentrada entre brancos e pardos, acompanhando os dados da PNAD<sup>6</sup> que em 2019 demonstrou que a população brasileira possui 42,7% de brancos, 46,8% de pardos, 9,4% pretos e 1,1% de amarelos ou indígena.

Durante nossa pesquisa também perguntamos aos entrevistados sobre o gênero, e tivemos então que 48% das entrevistadas se identificam com o feminino e 52% masculino. Apesar da proximidade, confessamos um pouco de surpresa, pois acreditávamos que a maioria dos/das estudantes seriam do sexo feminino. Podemos contestar o fato da nossa pesquisa não ter abarcado 60% dos estudantes por questões já previamente apresentadas.

Com relação a renda familiar, tivemos os seguintes dados: a maioria encontra-se na faixa salarial de 1 a 2 salários mínimos (45%), seguidos por 3 a 4 salários mínimos (35%), 5 a 6 salários mínimos (10%), acima de 8 salários mínimos (5%), entre 7 e 8 salários mínimos (3%) e abaixo de um salário mínimo (2%). Nossos dados se aproximam da realidade brasileira, onde a maioria da população apresenta no máximo uma renda de 1 a 2 salários mínimos. É importante

---

<sup>6</sup> Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios.

ressaltar que as médias acima de 3 salários mínimos, na maioria dos casos, foram respondidas por estudantes que trabalhavam e contribuíam para a renda da família, aumentando assim essa renda.

Dos entrevistados, com relação aqueles que trabalharam durante a pandemia, tivemos que 60% trabalhou e 40% não, sendo que, daqueles que trabalharam, 90% apresentou como motivo a necessidade de auxiliar em casa, outros 9% foi buscando renda pessoal, e o restante apresentou motivos variados como sair de casa durante um período do dia, ou até mesmo que foi obrigado pelos pais. Esse dado é interessante também para ressaltar um ponto, muitos estudantes trabalharam para ajudar em casa em um período no qual a economia do país apresentava problemas muito sérios (que até hoje não foram recuperados), visto que o Brasil não conseguiu, e Uberlândia não fez nenhum lockdown com seriedade, levando jovens a se exporem ao vírus.

Também perguntamos se o fato de trabalhar atrapalhou os estudos, sendo que 74% afirmaram que não e 26% que sim. É importante ressaltar que a maioria afirmou que não atrapalhou, pois achavam o desenvolvimento do Plano de Estudo Tutorado (PET) muito tranquilo, vide que a maioria procurava resoluções prontas na internet e que podiam responder com facilidade. Os que responderam que sim, pautaram a dificuldade em conciliar o cansaço do trabalho com a quantidade de páginas e atividades do material, afirmando que a única maneira de responder as atividades foi utilizando vídeos e respostas prontas na internet.

Com relação ao principal meio de acesso ao PET online, a maioria acessou o material utilizando smartphone (73%), seguido por computador (22%), notebook (4%) e *tablet* (1%). Esses dados demonstram que a maioria dos brasileiros ainda não possui computador de uso pessoal em casa, e grande parte das pessoas atualmente investem no smartphone para acessar a rede. Talvez tenha sido um problema, pelo tamanho da tela dos celulares, estudar os materiais que possuíam em média 100 páginas. Estudar, ler, interpretar e responder as atividades representam dificuldades substanciais nesse caso, e devemos levar em conta também que o smartphone permite livre acesso às redes sociais, sendo estas o principal objeto que leva estudantes a perder o foco em momentos de estudo.

A maioria dos estudantes não apresentou dificuldades técnicas (63%). Os que apresentaram dificuldades (37%), colocaram como principal problema a internet lenta (27%), outros disseram ter sido complexo acessar os materiais (24,2%). Dentre todas as questões apresentadas referente ao acesso, alguns argumentaram que faltou mais informação para

acessar, seguido por ter que dividir o aparelho celular/computador/notebook com outra pessoa em casa (10,6%), smartphone velho (6,1%), computador ruim (3%) e outros motivos diversos (28%) que foram variados, como com e-mail institucional, falta de domínio com computador, tela muito pequena para a quantidade de atividades, confusão com o uso do aplicativo.

Também perguntamos sobre problemas técnicos enfrentados com relação ao PET impresso. A maioria não apresentou problemas de qualquer espécie (66,7%), e o restante apresentou alguma dificuldade (33,3%). Entre as principais questões colocadas referentes aos problemas técnicos, tivemos a demora para receber o PET em casa e complicações para entregar o material na escola. Os motivos que seguem foram falha na impressão e falta de folhas, outros diversos motivos foram apresentados que não acreditamos ser condizentes, por exemplo, muitas questões. A demora na entrega, segundo a escola, ocorreu pelo fato da empresa contratada não conseguir encontrar os estudantes ou responsáveis em casa, mesmo que a escola tenha feito um levantamento prévio com endereço.

Outra questão que não sabemos catalogar se foi técnica foram os estudantes que afirmaram que realizaram a entrega do material na escola, mas a escola desapareceu com o mesmo e tiveram que refazer. Foram 4 estudantes em um rol de 209 que afirmaram essa situação. Outros dois surpreenderam ao afirmar que não fizeram absolutamente nada, mas conseguiram êxito na aprovação.

Com relação a visão dos estudantes entrevistados sobre a qualidade do material oferecido, perguntamos em um sentido geral, reafirmando que estávamos falando de um todo e não de um ou outro, já que tivemos vários Planos de Estudos Tutorados ao longo dos quase dois anos de estudo remoto. Tivemos então que 46,9% afirmam que achou o material regular, seguido de 27,8% que categorizaram como bom e 23,9% como ruim. O que podemos perceber é que, um material que é considerado de regular para ruim em maioria não poderia oferecer um grau de aprendizagem condizente com o momento.

Segundo o professor orientador, que atua na área de Sociologia, o material do seu conteúdo deixava a desejar. Havia muitas questões para que os estudantes explorassem suas próprias opiniões, e discussões importantes como feminismo, gênero, movimentos sociais, que foram trabalhados muito resumidamente. O professor atribui o fato de que pelo conteúdo de Sociologia ser diminuto em aulas presenciais, o mesmo foi aplicado com o PET. Também se faz necessário avaliar que apesar dos professores se mostrarem disponíveis, poucos alunos procuravam, gerando uma situação de desinteresse múltiplo. O nosso professor orientador disse



que, em um dado momento, ele sentia que o site Conexão Escola e depois o Google Sala de Aula estavam somente sendo usados para cumprir com seu horário de aula, sendo que, poucos alunos o procurava para dúvidas. Também o mesmo realizou alguns vídeos para o Youtube em dois formatos, de ensaio e de aula expositiva, mas os acessos foram poucos, além de que, era enviado material redigido pelo professor semanalmente debatendo sobre o Plano de Estudos Tutorados e auxiliando na resolução dos exercícios, mas com o passar do tempo aquilo foi perdendo o sentido, já que os estudantes pareciam não valorizar.

Com relação ao acompanhamento das aulas do “Se Liga na Educação”, perguntamos se os estudantes acompanharam regularmente nos canais oficiais, e tivemos como resposta que 70,3% não acompanharam e 29,7% acompanharam<sup>7</sup>. Acreditamos que o fato de não terem acompanhado tem relação com o distanciamento com aquelas aulas e com os professores que estavam ministrando. Seria mais efetivo se o estado tivesse trabalhado com a ideia do Google Meet já de início, criando o hábito de acesso dos estudantes e professores, proporcionando uma relação mais próxima dos estudantes com os professores que já estavam familiarizados.

Também perguntamos sobre como os estudantes avaliavam as aulas ministradas no programa “Se Liga na Educação”. Tivemos os seguintes resultados, 52,3% afirmaram ser regular; 30,8% afirmaram que as aulas eram boas; e 15,4% disseram ser ruim. Esse dado soa estranho à primeira vista, já que muitos não assistiram as aulas. A maioria teve contato com pelos menos uma das aulas, mas grande parte destacou também que não via sentido em acordar cedo para assistir as aulas, já que estavam em suas casas. Esse choque do ambiente doméstico com a escola deve ser levado em conta, pois manter uma relação rotineira de acompanhamento de uma escola em sua casa é um fator que exige um empenho maior.

Nossa principal hipótese para o desinteresse é o fato destes estudantes não terem uma relação com aqueles professores que ali estavam ministrando as videoaulas. Como nosso professor orientador gosta de destacar, a escola é mais que um ambiente de aprendizagem, também deve ser pensado como um ambiente de afeto e conseqüentemente de carisma. Sendo assim, os estudantes não se sentiam pertencentes àquele ambiente virtual. O grande problema foi que durante praticamente um ano as aulas foram ministradas ali, e depois houve a troca com as ferramentas do Google, ou seja, criou um hábito e depois tentou de alguma forma criar um novo hábito. No final, nenhum dos dois conseguiu ser efetivo.

---

<sup>7</sup> Com a devida ressalva de que mesmo estes que afirmaram estar sempre acompanhando, em algum momento perderam o interesse e pararam de manter a regularidade.

Perguntamos aos estudantes qual o grau de satisfação para com o atendimento prestado pela Escola, considerando a atenção dada pelos professores, pela direção e supervisão, tanto para auxílio na resolução, como para dúvidas técnicas. Os resultados foram, 67% consideram-se satisfeitos com o atendimento, 19,1% são indiferentes e 13,9% insatisfeitos. Acreditamos que a Escola foi bem, visto que a maioria dos estudantes insatisfeitos ou indiferentes afirmaram que tinham dificuldades em conseguir ajuda dos professores, e que alguns professores demoravam muito a responder as solicitações. Houve relatos também de que foram tratados com pouca compreensão, já que as atividades eram muitas. Tivemos argumentos que, quem estava realmente tentando resolver o PET sem buscar todas as respostas *online*, levava bastante tempo para obter êxito, mas os professores não se mostravam muito compreensíveis. Segundo o professor orientador, isso é um problema complexo de ser resolvido, já que os professores trabalham com prazos estipulados pela Secretaria de Educação de Minas Gerais. Talvez faltou uma melhor gestão no sentido de condensar o material em menos temáticas, mas que oferecesse profundidade no aprendizado, pois no final havia muito conteúdo e poucas maneiras de aprender, tornando o ato de fazer o PET totalmente sem sentido. Para que os estudantes fizessem um material tão longo, teríamos que pressupor que o hábito da leitura é algo incentivado no Brasil, mas sabemos que não o é, assim sendo, um material com mais de 100 páginas tornava-se inviável.

Perguntamos aos estudantes sobre o envolvimento dos professores (tempo de resposta, atendimento, correção das atividades, plantão de dúvidas). Tivemos os seguintes resultados, 54,1% consideraram como bom, 36,8% como regular e 9,1% como ruim. Como discutimos anteriormente, o trabalho dos professores foi complexo também, considerando que o desinteresse dos alunos levava ao desinteresse por parte dos professores. Nosso orientador disse que muitas vezes foi negligente no sentido de não acreditar que iriam procurar para orientação, e quando procuravam ele demorava a ver e até mesmo a responder. Ele classifica o seu trabalho como ruim, mas se sentia de mãos atadas sem saber como envolver os estudantes.

Com relação aos aplicativos utilizados, em um primeiro momento tivemos o Conexão Escola, ressaltando que os estudantes não eram obrigados a acessar, e no outro ano adotaram o Google Sala de Aula. Tivemos os seguintes resultados, 25,4% avaliaram como bom, 25,4% como regular, 23,4% como ruim e 25,8% nunca acessaram. Os valores foram bem equilibrados, mesmo aqueles que classificaram como bom, afirmaram não entrar recorrentemente no aplicativo.

Aqui ficaram algumas dúvidas que nossa pesquisa não conseguiu responder. Por exemplo, a quantidade de acessos ao aplicativo dentre os estudantes que o consideraram bom ou regular. Isso foi uma falha da nossa parte, já que, segundo o professor orientador, faltou tato de ter percebido a necessidade dessa pergunta, pois a não ser que seja algo específico do conteúdo de Sociologia, o professor orientador disse que teve somente uma interação ao longo do ano todo pelo Conexão Escola, na qual um estudante lhe enviou um bom dia e o nome completo, e o professor respondeu com cordialidade, mas o estudante nunca o respondeu.

Já com relação ao Google Sala de Aula, este que já possuía a obrigatoriedade de os estudantes acessarem e enviarem suas atividades, tivemos as seguintes respostas: 62,2% consideram o aplicativo bom, 28,9% consideram regular e 8,8% consideram ruim. A maioria afirmou não ter problema com o aplicativo, já que o mesmo apresentava uma qualidade muito superior ao Conexão Escola. É necessário ressaltar que o “classroom” possui já um desenvolvimento mais amplo. Não sabemos qual o motivo do governo de Minas Gerais não ter optado pelo aplicativo da Google desde o início da pandemia, mas acreditamos, como já ressaltamos, que teria sido primordial criar uma relação com esses aplicativos desde o começo do ensino remoto.

Com relação ao nível de aprendizagem por áreas, quando perguntamos sobre o conhecimento adquirido na área de humanidades, tivemos os seguintes resultados: 49,3% afirmaram ter ficado regular, 25,4% como bom e 25,4% como ruim. Os que afirmaram ter sido ruim disseram não ter aprendido absolutamente nada; os que afirmaram que ficou bom disseram que sempre foram bons nestes conteúdos, o que facilitou a aprendizagem; já os que afirmaram ter ficado regular disseram que poderia ter sido melhor, mas mesmo assim avaliam que tem chance de recuperar agora no presencial.

Segundo o nosso orientador, ele não sabe se isso é condizente com a realidade atual, e acredita que muitos estudantes responderam sem pensar muito sobre, já que atualmente acha que é mais complexo fazer com que os discentes entendam o conteúdo de Sociologia. Levando em conta que uma boa compreensão da disciplina envolve uma boa compreensão interdisciplinar, conhecimento prévio em História, Geografia, Português (principalmente na parte de escrita e interpretação), ou até mesmo Matemática (estatística), pode-se dizer que o nível está bem aquém do esperado. Segundo o professor, não que antes fosse algo brilhante, mas é que a situação parece bem pior atualmente nas habilidades que tangem as humanidades.



Na área de Matemática os resultados foram que: 45,5% consideraram ruim a aprendizagem durante a pandemia, 28,7% regular e 25,8% bom. Mais uma vez podemos dizer que aspectos já recorrentes anteriormente à pandemia foram aflorados durante o ensino remoto. A aprendizagem em Matemática sempre foi complicada para os estudantes, e acreditamos que há diversos fatores que contribuem para isso, tanto os próprios estudantes nutrirem receio com o conhecimento lógico matemático, como os professores não oferecerem as melhores ferramentas para compreensão.

Com relação a área de linguagens, tivemos os seguintes resultados: 46,4% tiveram a percepção que o nível de aprendizagem foi regular, 32,1% acreditam que ficou com um bom nível de conhecimento e 21,5% consideraram ruim. Nas linguagens temos um aumento com relação a Matemática daqueles que acreditam que mantiveram uma regularidade na aprendizagem, e uma diminuição dos ruins. Uma consideração é que, se somarmos regular com ruim seria 78,5%, mais uma vez queremos ressaltar que parece refletir uma realidade prévia à pandemia, que somente fez aumentar o nível de defasagem.

Por fim, com relação ao conhecimento na área de ciências da natureza, tivemos os seguintes resultados: 38,8% consideraram que o conhecimento na área ficou regular, seguido por 31,6% que consideraram ruim e 29,7% como bom.

Com relação a êxito em concluir o ensino médio, perguntamos aos estudantes do 1º e 2º Ano como eles consideram o preparo para concluir este período, em uma escala de 0 a 5, em que 0 é sem preparo e 5 muito preparados. Tivemos as seguintes respostas, 41,1% consideram que estão em 3 na escala, 28,4% estão na escala 4, 19,1% estão na escala 5. De 0 a 2 foi um total de 11,3%. Grande parte dos estudantes, então, consideram que tem uma boa margem de chance de terminar o ensino médio.

Aos estudantes do 3º Ano do Médio, fizemos a pergunta de escala de 0 a 5, mas sobre como consideram a possibilidade de obter êxito no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). Os resultados foram, 18,6% consideram estar na escala 0; 7,1% consideram estar na escala 1; 24,3% estão na escala 2; 38,6% na escala 3; 7,1% na escala 4; e 4,3% na escala 5. Esse dado é interessante, pois o que pudemos perceber é que muitos estudantes atribuíam o fato de terminar o ensino médio em escola pública não muito complicado, mas grande parte não considera estar apto a participar do ENEM. Isso é um problema que já vinha desde antes da pandemia e que se agravou.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência de fazer parte de um trabalho científico foi muito enriquecedora. Acreditamos que conseguimos contribuir de maneira positiva para pensar a realidade da Escola Estadual Hortêncio Diniz no pós pandemia.

Percebemos que o desenvolvimento de um trabalho científico não é algo simples, mas é muito importante. A escola agora vai ser municiada destes dados, e esperamos que esse levantamento possa contribuir para pensar estratégias que visem diminuir ou mitigar os danos causados pela pandemia.

Que esses trabalhos científicos se tornem prática pela Secretaria de Educação do Estado de Minas Gerais, e que cada vez mais os estudantes secundaristas possam contribuir para enaltecer o conhecimento científico. Deixamos aqui os nossos agradecimentos a todos os estudantes que nos auxiliaram nesse projeto.

## AGRADECIMENTOS

Agradecimentos a todos que permitiram que essa pesquisa se realizasse, a todos que contribuíram dentro e fora da escola, ao Estado de Minas Gerais e a Secretárias Regional de Educação.

Aos estudantes, professores, equipe de serviços gerais e diretores pela parceria ao longo do projeto.

## REFERÊNCIAS

PEREIRA, Alexandre de Jesus; NARDUCHI, Fábio; MIRANDA, Maria Geralda de. Biopolítica e educação: os impactos da pandemia de covid-19 nas escolas públicas. **Revista Augustus**, ISSN:1981-1896, Rio de Janeiro, v.25, n.51, p. 219-236, jul./out. 2020. Disponível em: <https://revistas.unisuam.edu.br/index.php/revistaaugustus/article/view/554>. Acesso em 20 de out. 2022.

GIL, Antônio C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo, Ed. Atlas, 6ª Edição, 2008.

MEDEIROS, João Bosco. **Redação científica: a prática de fichamentos, resumos e resenhas**. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2006.

MILLS, Wright C. **A imaginação sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1965.

OLIVEIRA, Rosiska Darcy; OLIVEIRA, Miguel Darcy de. Pesquisa social e ação educativa: conhecer a realidade para poder transformá-la. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues (Org.). **Pesquisa participante**. São Paulo: Brasiliense, 1983. Diário Oficial da União, Brasília, 14 de setembro de 2001. Seção IE, p. 39-40. Disponível em: < <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CEB0201.pdf> >

